

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

  
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
LETRAS  
LISBOA

  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA REALIZADA NOS N<sup>OS</sup> 54 A 58A DA RUA DIREITA, EM ÓBIDOS

Helena Santos<sup>1</sup>, Marco Liberato<sup>2</sup>, Romão Ramos<sup>3</sup>

## RESUMO

Apresentam-se os resultados de uma intervenção arqueológica realizada no âmbito de um projeto de alteração e conservação de edifício situado nos n<sup>os</sup> 54 a 58 da Rua Direita, em Óbidos. Se inicialmente se previa uma afetação mínima ao nível do subsolo, alterações ao projeto efetuadas no decorrer da obra levaram à identificação de contextos arqueológicos preservados. A estratigrafia observada e os materiais exumados demonstram que se enquadram cronologicamente em período Medieval e Moderno. Destaca-se um conjunto edificado que compreende uma porta com arco de volta inteira, que serviria um espaço de circulação lajeado, localizado a cerca de 2,20m abaixo da cota de circulação atual, demonstrando a ocorrência de alterações urbanísticas de monta, do período Moderno em diante.

Palavras-chave: Óbidos, Urbanismo, Idade Média, Idade Moderna.

## ABSTRACT

We present the results of an archaeological intervention carried out during the implementation of a project of modification and conservation of a building, located at 54<sup>th</sup> to 58<sup>th</sup> of the Rua Direita, in Óbidos. Initially, it was foreseen a minimal intervention in the subsoil, but changes to the project made in the course of the construction, led to the identification of preserved archaeological contexts. The observed stratigraphy and the exhumed materials show that they fit chronologically in Medieval and Modern period. In the site, it stands out a built structure that includes a door with a round arch that seems to have served a slabbed circulation space, located about 2.20m below the current circulation quota, proving the occurrence of major urban changes from the Modern period on.

Keywords: Óbidos, Urbanism, Middle Age, Modern Age.

## 1. INTRODUÇÃO

No interior do perímetro muralhado da vila de Óbidos, no eixo viário principal que liga a *Porta da Vila* ao *Castelo*, foi intervencionado o piso térreo de um edifício localizado nos n<sup>os</sup> 54, 56, 58 e 58A da Rua Direita. O projeto inicial tinha como objetivo manter a integridade arquitetónica do imóvel e melhorar as condições necessárias à permanência da sua exploração comercial, efetuando o fracionamento do

piso térreo em 4 espaços independentes, dotando cada um deles de uma instalação sanitária para uso dos funcionários.

O espaço correspondente ao n<sup>o</sup> 54 caracterizava-se por ter três áreas distintas. A que designámos por *loja*, cujo acesso se faz diretamente pela Rua Direita, a zona de *arrumos*, localizada a Este da loja, a uma cota inferior e por fim o *pátio*, situado a Norte dos arrumos e sensivelmente à mesma cota. Na zona da loja foram rebaixados em toda a área (16m<sup>2</sup>) cerca

1. Investigadora independente; lenamps@hotmail.com

2. Bolseiro de doutoramento da FCT SFRH/BD/99597/2014; Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património; marcoliberato@hotmail.com

3. Investigador independente; maximino.romao.ramos@gmail.com

de 70cm abaixo do piso atual, sendo que no pátio e nos arrumos (que juntos perfazem cerca de 23m<sup>2</sup>) se desceu aproximadamente 40cm.

Nos nºs 56 e 58 não ocorreram intervenções que afetassem o subsolo. O nº 58A compreende apenas um compartimento (18m<sup>2</sup>) e os trabalhos aí efetuados foram bastante parcelares, uma vez que se restringiram à abertura de 2 valas e 4 sapatas (Figura 1).

## 2. ESTRATIGRAFIA E CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS

### 2.1. Nº 54 – Loja

De modo a ligar a zona da loja à de arrumos, foi feita a abertura de um vão na parede Este da loja - [01]. Esta encosta à parede Sul (que confina com o nº 52) até cerca de 1,70m acima do piso atual da loja, sendo que daí para cima as pedras das duas estruturas estão embrincadas entre si.

O compartimento da loja fica delimitado a Oeste pela parede [14], a fachada da Rua Direita. Esta é a parede mais antiga de todas (uma vez que a Sul lhe encosta) e assenta sobre alicerces preexistentes, ligeiramente recuados em relação ao alçado atual.

No acompanhamento arqueológico da escavação dos depósitos existentes ao nível do subsolo foi observada uma estratigrafia bastante simples, caracterizada sobretudo por depósitos de aterro (Figura 2).

Assim, abaixo do piso atual em mosaico cerâmico e do seu embasamento, ocorria uma camada de terra escura, solta e com madeira e carvões, que deverá ser a memória de um piso anterior, em soalho. Esta UE – [08] – não é uniforme em toda a área, sendo mais expressiva a Norte do compartimento, onde se identificam ainda pedaços de madeira de grandes dimensões. Abaixo deste depósito surge um pacote sedimentar – [09] – heterogéneo, também de cor castanha muito escura, solto, que embala alguma fauna mamalógica e malacológica, cerâmica de construção, cerâmica comum, moldada e vidrada, cerâmica esmaltada branca, porcelana, faiança pintada a azul e majólica. Relativamente a estas últimas produções, destaca-se a taça com a referência O.RD\_54-58.16 [09] 49, uma peça de faiança com decoração certamente inspirada nos modelos da cerâmica espanhola e italiana dos séculos XVI-XVII e a peça O.RD\_54-58.16 [09] 46, um fragmento de majólica de Montelupo com decoração «a rombi e ovali» (CARTA, 2003, p. 39 e GONZALEZ, 2012, p.850). Este depósito corresponde a um aterro relativamen-

te potente (com maior espessura a Norte que a Sul) que terá sido realizado em torno dos finais do século XVI – inícios do XVII, atendendo às datações propostas para os materiais exumados. Note-se ainda que este depósito enche a vala de fundação da parede Este (onde foi aberto o vão de porta), sendo esta escavada no depósito [10].

Este depósito [10], também de aterro, é mais limpo e mais claro que o anterior, caracterizando-se ainda por ter muito menos quantidade de materiais arqueológicos, surgindo igualmente as cerâmicas comuns, de construção e alguma fauna, sobretudo malacológica (ostra). Destaque para um fragmento de forma de açúcar (O.RD\_54-58.16 [10] 75), que encontra paralelo em peças produzidas, por exemplo, na zona do Barreiro entre meados do século XV e meados do século XVI (SILVA, 2012) ou em Aveiro (MORGADO *et al.*, 2012). Assim, a cronologia deste aterro não deverá ser muito díspar da do depósito anterior, podendo contudo ser um pouco mais antiga, considerando a ausência de faianças (Figura 3). De referir ainda que entre este depósito e o anterior, junto à parede Sul e ao alicerce da parede Oeste (fachada da Rua Direita), foi identificado o depósito [11], que se caracteriza por ser grosseiro, com muito calcário moído/partido e com blocos e “salpicos” de argamassa, pelo que poderá corresponder a uma campanha de obras realizadas nestas paredes em torno do século XVI – XVII. A encerrar a sequência estratigráfica identificada foi registado, sob a UE 10, um depósito de argilas verdes estéreis que estaria associado ao alicerce da parede da fachada Oeste e sob este um outro depósito cuja cronologia não foi possível determinar, pois não foi escavado por estar já abaixo da cota de afetação da obra.

### 2.2. Nº 54 – Arrumos

Na área de arrumos, onde inicialmente estava previsto construir-se as instalações sanitárias, foram demolidas as paredes de tijolo e cimento do século XX ou XXI que compartimentavam a área e sustentavam a placa do terraço existente sobre este local, tendo-se, por isso mesmo, colocado pilares e vigas metálicas para apoio desta estrutura. Além disso, foi efetuado o rebaixamento do piso atual em cerca de 40cm.

Relativamente à estratigrafia observada, regista-se que abaixo do mosaico atual existia um piso em cimento igual ao do pátio, o que indicia que toda esta área fazia parte de um mesmo espaço exterior. A cor-

roborar esta premissa verificou-se também a existência de um depósito de aterros igual ao identificado na área do pátio, que embala grande quantidade de cerâmica comum e faiança dos séculos XIX-XX. Sob este depósito, na área mais a Sul do espaço, foram identificadas, algumas estruturas de alvenaria, nomeadamente a pedra de fecho e as aduelas de uma abertura em arco, integradas na parede Sul abaixo da atual cota de circulação, bem como novos depósitos sedimentares, distintos do anterior, associados certamente ao abandono dessas estruturas. Nesse espaço foi realizada a Sondagem 1, cuja estratigrafia descreveremos adiante.

O compartimento dos arrumos é delimitado a Oeste por uma parede que parece ser contemporânea da parede Sul da zona da loja e como tal, será anterior à parede que divide estes dois espaços e que delimita a zona de arrumos na sua metade Oeste.

Integrada nessa parede Oeste foi identificada, ao nível do piso atual, uma fresta que apresenta cerca de 50cm de largura e aproximadamente 60cm de altura, sendo que na base tem uma lajeta de calcário. Apesar de colmatada com sedimento e com uma pedra de grandes dimensões (que poderia ser o remate do topo, mas que se encontra caída), deixa passar o ar, indiciando a existência de um espaço aberto do outro lado, ou seja, no nº 52. Colocamos a hipótese de se tratar de um antigo sistema de escoamento de águas pluviais existente entre os prédios (que escoaria a água da Rua Direita para o pátio interior), já que na malha urbana de Óbidos foi possível identificar algumas estruturas similares.

### 2.2.1. Sondagem 1

Relativamente à sondagem 1, que tem uma área de 4m<sup>2</sup> (2,4m de comprimento por 1,7m de largura), foi executada ao longo da parede Sul da zona de arrumos do nº. 54 com o objetivo de caracterizar as estruturas e depósitos arqueológico identificados no âmbito do acompanhamento. De referir que acima da cota de circulação, aquando do início dos trabalhos de escavação, a parede Sul já tinha sido rebocada, pelo que não foi possível observar o seu aparelho construtivo nem fazer a sua descrição (Figura 4). Começando pela base da estratigrafia observada, identificou-se a cerca de 2,20m de profundidade um piso de circulação – [44] – constituído por grandes lajes de calcário dispostas na horizontal, com uma inclinação Oeste – Este. Este pavimento, que apesar de ter a superfície boleada não apresenta desgaste

acentuado, poderá corresponder a um espaço exterior ou a um pátio e estará certamente em articulação direta com a fachada da parede Sul e com a porta aí existente.

Esta porta – [23] – apresenta um arco de volta perfeita, sendo que a soleira está cerca de 20cm acima do referido nível de circulação. O interior da porta, do topo da soleira à chave de fecho do arco, tem cerca de 1,80m de altura. Construída com blocos de calcário bem aparelhado, está inserida na parede Sul do edifício – [22] –, sendo esta de alvenaria de pedra mais irregular e de menores dimensões, ligada por argamassa de cal e areia de cor esbranquiçada. O vão da porta foi condenado com uma estrutura de pedras calcárias – [26] – dispostas em fiadas horizontais, ligadas com argamassa de cal e areia de cor esbranquiçada.

Do lado Oeste da porta, a cerca de 1m do lajeado, é visível um negativo – [41] – preenchido com sedimento – [47] – que poderá ser o que resta de um ferrolho. Ainda nessa direcção, a parede apresenta uma fiada vertical de grandes silhares assentes sobre um embasamento largo e robusto – [43] – que deverá ser um cunhal e/ou uma abertura para um outro espaço que existiria a Sul. Adossado a estes silhares, surge uma estrutura em pedra e argamassa laranja – [42] – que terá fechado esta passagem e prolongado a fachada da parede Sul.

Sobre o pavimento lajeado foi identificada uma estrutura em alvenaria de pedra seca – [40] – com cerca de 1,4m de altura, paralela à fachada da parede Sul, distando desta cerca de 1,5m. Este muro, cuja funcionalidade se desconhece, é muito provavelmente contemporâneo da condenação da porta. Note-se ainda que, sobretudo na zona mais a Este da sondagem, o lajeado parece ter sido parcialmente desmontado para a construção deste muro, admitindo-se a existência de uma vala de fundação (Figura 5). Assim, o espaço definido pela parede Sul e pelo muro paralelo a esta, a Norte, foi aterrado com um pacote sedimentar – [39] – com uma potência de aproximadamente 1m, de matriz areno-argiloso e cor castanha acinzentada, que embala grande quantidade de pedras calcárias de pequena e média dimensão, ocasionais seixos de rio, bem como alguma cerâmica de construção (sobretudo telha muito fragmentada) e significativa quantidade de cerâmica comum (onde se destacam as formas de cozinha), fauna e residualmente cerâmica moldada e cerâmica esmaltada (malagueira e vidrados melados). Os materiais exuma-

dos apontam para uma cronologia baixo-medieval / moderna, em torno dos finais do século XV / século XVI, data em que a circulação neste espaço terá sido definitivamente abandonada.

Esta proposta de datação é consonante com a forma do fundo do prato O.RD 54-58.16 [39] 432, que parece ser um exemplar de azul figurativo de produção sevilhana (BOTELHO, 2012), referido como *Yabal blue on white* nas publicações anglófonas (DEAGAN, 1987, p.55). A presença residual de faiança portuguesa no conjunto de cerâmicas de consumo restrito, bem como o perfil da taça esmaltada O.RD 54-58.16 [39] 433, apontam no mesmo sentido. De entre a cerâmica comum destaca-se um almofariz que, tal como as painéis de bordo muito rendilhado, tem bons paralelos nas olarias Quinhentistas da margem Sul (BARROS, *et al.*, 2012). Por seu turno, a caçoila com pegas triangulares tem paralelos com materiais muito bem enquadrados cronologicamente a partir de moedas de Manuel I, escavados em Lisboa (MARQUES, LEITÃO e BOTELHO, 2012), bem como em Tavira (COVANEIRO e CAVACO, 2016), ilustrando a afirmação da standardização formal à escala do reino (Figura 6).

Sobre o depósito [39] e contido também entre estas duas estruturas, foi identificada uma outra camada de aterro – UE [35] – menos potente que a anterior, de matriz mais arenosa e mais solto, mas também com algumas pedras e nódulos de calcário. Este depósito embalava grande quantidade de cerâmica de construção (telha, sobretudo), cerâmica comum, alguma cerâmica “malagueira” e grande quantidade de fauna malacológica, onde se destacam as ostras de grandes dimensões. A cronologia deste depósito aponta também para o século XVI, sendo esta datação corroborada, por exemplo, pelos paralelos obtidos em Aveiro para fragmento de cântaro O.RD\_54-58.16 [35] 274 que apresenta decoração geométrica brunida (CARVALHO, BETTENCOURT, 2012) ou pelos fragmentos de cerâmica modelada e pratos “de pescado” com paralelos em contextos de produção oleira de Lisboa dessa centúria (MARQUES, *et al.*, 2012) (Figura 7).

O topo do muro [40], a Norte, bem como o depósito [35] estavam cobertos por uma unidade estratigráfica – [34] – bastante heterogênea, solta, arenosa e de cor castanha escura, que embala grande quantidade de cerâmica comum (onde se destacam, uma vez mais, as formas de cozinha), alguma cerâmica moldada, rara faiança e ainda alguma porcelana e cerâ-

mica “malagueira”. A associação entre os perfis carenados da cerâmica esmaltada (DEAGAN, 1987, p.55) com majólica de Montelupo «modo orientale tardo» (CARTA, 2003, p. 42) e porcelana chinesa (COELHO, 2008), a par da já aludida sub-representação comparativa da faiança portuguesa, sugerem igualmente uma cronologia de finais do século XVI – início do século XVII. Também a forma especieiro, frequentemente identificada em Óbidos (CASA, 2008), é especialmente vulgar nos contextos quinhentistas (CASIMIRO, 2011, p. 718) (Figura 8).

É sobre a unidade estratigráfica descrita anteriormente que assenta o muro [28], uma estrutura perpendicular à parede Sul que encosta a esta junto à aduela do arco da porta, definindo assim um espaço a Oeste e outro a Este. Do lado Oeste foi identificado o depósito [32], que aparenta ser um despejo de cozinha, com sedimento bastante escuro, muitos carvões e grande quantidade de fauna malacológica, de cerâmica comum (onde se destacam novamente as formas associadas à alimentação, como os fogareiros, as painéis, os alguidares, as escudelas, etc), de faianças a azul e branco, de porcelanas e cerâmica vidrada a verde e melado. Os materiais exumados apontam, sem dúvida, para uma cronologia do século XVII. Ainda que não se tenha identificado nenhuma vala de fundação que comprove esta hipótese, é de admitir que este depósito já existisse quando o muro [28] foi construído (Figura 9).

Entre este muro e a parede Este da zona de arrumos foi identificado um aterro muito solto, com muitas pedras e materiais de construção, que embala cerâmicas com cronologias atribuíveis já ao século XIX/XX, nomeado de [30].

A encerrar a sequência estratigráfica foram escavados os depósitos [29] e [49], que deverão corresponder ao aterro efetuado já em época contemporânea, quando esta área terá sido utilizada como pátio/quintal do nº 54 da Rua Direita. Estes depósitos são certamente equivalentes ao depósito [04], escavado na zona do pátio e na restante área de arrumos.

A título de curiosidade, destaque para a peça O.RD\_54-58.16 [29] 108, um fragmento de fundo eventualmente de taça de pé anelar, fabricado com pasta muito bem depurada e compacta, de cor cinzenta. Esta apresenta, no interior, decoração incisa tendencialmente geométrica, delimitada por linhas que contêm pequenas incisões triangulares, sendo o motivo central da ornamentação uma figura coroplástica com a representação de uma cobra enrolada, cujo

corpo, olhos e narinas são também salientados com incisões. Ainda que não seja um paralelo exato, encontra-se semelhanças, sobretudo pela representação do ofídio, numa peça de cerâmica pedrada exumada no Largo do Corpo Santo, em Lisboa, num contexto dos finais do século XV-XVI (informação gentilmente cedida pela Dr<sup>a</sup> Jacinta Bugalhão, a quem agradecemos) (Figura 10).

### 2.3. Nº 54 – Pátio

Para a zona do pátio, estava prevista apenas a abertura de um poço para bombagem das águas residuais provenientes das instalações sanitárias dos nºs 54 e 56. No entanto, devido às já referidas alterações ao projeto, optou-se por fechar a varanda que servia o nº56, instalar aí o seu WC e ainda construir a instalação sanitária para o nº 54 na área central do pátio. Para tal, houve também necessidade de rebaixar toda a área, para ficar nivelada com a zona de arrumos, e de construir novo poço de bombagem um pouco mais a Oeste do anterior.

Assim, logo abaixo do piso de cimento foi identificado um muro com orientação Oeste – Este que encosta à parede Oeste e parece ser cortado pelo alicerce da parede Este do pátio. A Sul do muro identificou-se o já mencionado depósito UE [04]=[58]=[56], que embala abundante número de fragmentos de fauna, de cerâmica comum e de faianças dos séculos XIX-XX. Sob este identificou-se o sedimento [06]=[60]=[59], que apesar de ter coloração escura semelhante ao anterior, se apresenta-se mais limpo, homogéneo e com menos materiais arqueológicos. Estes parecem corresponder a uma cronologia Contemporânea ou eventualmente Moderna.

A Norte do muro identificou-se o que parece ser uma calçada constituída por pequenas pedras de calcário de médio e pequeno porte, irregulares e aparentemente boleadas. Esta não foi desmontada por já estar abaixo da cota de afetação.

### 2.4. Nº 58A – Loja

Os trabalhos de acompanhamento no nº58A iniciaram-se com a demolição parcial da parede Este, na zona sob uma janela com tijolos de vidro existente sensivelmente a meio do vão. A parede que delimita o compartimento a Sul encosta-lhe e tem aparelho distinto de todos os outros muros observados durante a intervenção. Foi construído em alvenaria de pedra calcária toscamente aparelhada, de pequeno e médio calibre, ligada apenas com terra

e muito raramente com argamassa de areia e cal, fraca e pouco compacta. Encosta à parede Oeste que, à semelhança da fachada dos restantes compartimentos, apresenta aparelho de alvenaria de blocos calcários médios, de coloração cinzenta, ligados por argamassa de cor creme acinzentada, grosseira e compacta, por vezes com pedras mais pequenas e fragmentos de cerâmica comum nas juntas. A Norte o compartimento é delimitado por uma parede construída em tijolo de 2 furos.

Ao nível do subsolo, começou por se acompanhar a abertura de uma vala no sentido Este – Oeste com cerca de 40cm de largura e 20 a 25cm de profundidade, que servirá para fazer o saneamento das águas residuais da nova instalação sanitária. A estratigrafia observada não tem qualquer relevância patrimonial uma vez que apenas se identificaram entulhos de cronologia contemporânea. Foram ainda abertas 4 sapatas para sustentar com vigas e pilares metálicos o piso superior, todas com dimensões inferiores a 1m<sup>2</sup> e com profundidade máxima de 80cm.

Na sapata 1, localizada sensivelmente a meio do vão da parede Sul identificou-se, abaixo do mosaico e do entulho contemporâneo, a vala de fundação da parede Sul, preenchida com um depósito que não ofereceu materiais que permitam uma atribuição cronológica (apenas se identificaram alguns fragmentos de valvas de ostra).

Na parede Este foram abertas as sapatas 2 e 3. A primeira foi implantada no canto da parede Este com a Norte, tendo sido registada uma estratigrafia muito simples. Abaixo do mosaico e do entulho contemporâneo, identificou-se um único depósito nomeado como [77], que cobria o alicerce da parede Este e embalava alguns materiais cerâmicos, poucos, que parecem enquadrar-se em período Moderno.

Já na sapata 3, localizada no canto da parede Este com a Sul, a estratigrafia observada é mais complexa, tendo por isso mesmo obrigado a que as dimensões fossem ligeiramente superiores, para permitir uma escavação mais documentada. Assim, logo abaixo do mosaico e do entulho contemporâneo identificou-se a estrutura [79], adossada à parede Sul. Trata-se, eventualmente, de um reforço do canto do compartimento, sendo constituída por alvenaria de pedra calcária e argamassa compacta de cor amarelada. Os blocos são irregulares, à exceção de um elemento arquitetónico reaproveitado que integra a estrutura no topo. Trata-se de um troço de aduela de um arco com arestas chanfradas que, apesar de fraturado,

se recolheu e depositou na reserva da Câmara Municipal de Óbidos. A estrutura parece ter uma vala de fundação que está cheia com o depósito [80], que não ofereceu materiais arqueológicos. Esta corta o depósito [83], que embala escassos fragmentos cerâmicos cuja cronologia deverá ser medieval/moderna. Coberto por este depósito, foi registado o que poderá ser um piso de terra batida que por estar já abaixo da cota de afetação não foi escavado.

Estas últimas unidades estratigráficas encostavam a uma estrutura que está imediatamente abaixo da parede Sul. Observada num troço diminuto, foi possível determinar que o seu traçado não coincidia exatamente com a parede mencionada, mas não foi esclarecido se se tratava do seu alicerce ou de um muro mais antigo.

Na sapata 4 – situada no canto da parede Sul com a parede Oeste – abaixo do mosaico e do entulho contemporâneo identificou-se um depósito que pode corresponder ao enchimento da vala de fundação da parede Sul, cujo alicerce é mais largo que a própria estrutura desenvolvendo-se até aos 65cm de profundidade, assentando sobre o depósito [86]. Este apresentava-se argiloso, compacto, de coloração avermelhada e com algumas pedras de pequeno calibre. Apesar de terem sido escavados apenas cerca de 5cm até à cota de afetação, foi possível exumar alguns materiais cerâmicos cuja cronologia poderá ser medieval cristã. Foi o único local desta intervenção que forneceu materiais mais recuados.

### 3. SÍNTESE

Ainda que não tenha sido possível aferir a cronologia de edificação do conjunto arquitetónico identificado na zona de arrumos do nº 54, pensamos tratar-se de estruturas construídas em época medieval que, por razões que não foram possíveis discernir através do registo arqueológico, foram abandonadas no século XVI. Posteriormente, o espaço foi sofrendo alterações, sendo a mais exuberante a subida de cota em mais de 2 metros. Parece-nos ainda possível que esta particularidade da arquitetura e planeamento urbano indicie que a Rua Direita tenha sido propositadamente projetada a uma cota superior à Rua Padre António de Almeida, para assim evitar a topografia acidentada e facilitar o acesso ao castelo a partir da Porta da Vila.

Em visita à fração localizada a Sul, o nº52, pudemos constatar que efetivamente existia também uma

cave e um pátio, ainda em utilização, a uma cota muito inferior à da circulação na Rua Direita. No entanto, apesar de existirem vestígios de ombreiras e soleiras entaipadas na parede localizada na direção da sondagem, verifica-se que nenhuma corresponde ao arco aí identificado. Assim, a hipótese mais plausível é que exista um espaço de permeio entre o arco do nº 54 e os vãos encerrados observados na cave do prédio vizinho. Também no tardo do nº 58A, a seguir à parede Este, existe uma cave (que é atualmente utilizada pelo restaurante com entrada pelo nº 60), que eventualmente poderia ter ligação com as estruturas identificadas na intervenção arqueológica do nº 54 e com a cave e pátio do nº 52.

De resto, a observação da fachada Este da Rua Direita – no troço entre as travessas que dão acesso ao Largo de S. Pedro e à Praça de Santa Maria – são visíveis ao nível do piso de circulação atual várias aberturas ou janelas, que indiciam a existência de caves em todos ou praticamente todos os edifícios. O que permite equacionar que existe uma fiada de construções com eventual acesso a partir da Rua Padre António de Almeida ou das ruas transversais, a uma cota muito inferior, dado o forte declive que aqui se observa. Enquanto alguns foram sucessivamente readaptados à nova lógica de circulação derivada da estruturação da Rua Direita em época moderna outros, como o identificado na sondagem 1, estarão aterrados.

### BIBLIOGRAFIA

BARROS, Luís, *et al.* (2012) – “A olaria renascentista de Santo António da Charneca – Barreiro.” *Velhos e novos mundos. Estudos de arqueologia moderna*. Lisboa, Centro de História de Além Mar. vol. II. pp. 699-709.

BOTELHO, Paulo (2012) – “Produções sevillhanas – azul sobre branco e azul sobre azul.” *Velhos e novos mundos. Estudos de arqueologia moderna*. Lisboa, Centro de História de Além Mar. vol. II. pp. 855-864.

CARTA, Raffaella (2003) – *Cerâmica italiana en la Alhambra*. Granada. Grupo de Investigación Toponimia, Historia e Arqueología del Reino de Granada.

CARVALHO, Patrícia, BETTENCOURT, José (2012) – “De Aveiro para as margens do Atlântico. A carga do navio Ria de Aveiro A e a circulação de cerâmica na Época Moderna.” *Velhos e novos mundos. Estudos de arqueologia moderna*. Lisboa, Centro de História de Além Mar. vol. II. pp. 733-746.

“CASA do Pelourinho – “Cerâmicas vidradas e esmaltadas” (2008) – *Rio*. nº 43: p. 40.

CASIMIRO, Tânia (2013) – “Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16: pp. 351-367.

«CERÂMICAS islâmicas da Cerca Velha», *Rio*, n.º 38, 2007, p. 26.

«CERÂMICAS medievais cristãs da Cerca Velha», *Rio*, n.º 37, 2007, p. 32.

«CERÂMICAS modernas da Casa do Pelourinho», *Rio*, n.º 39, 2007, p. 16.

«CERÂMICAS tardo-medievais da Cerca Velha», *Rio*, n.º 36, 2007, p. 32.

COELHO, Inês Pinto (2008) – *A cerâmica oriental da carreira da Índia no contexto da carga de uma nau – a presumível Nossa Senhora dos Mártires*, dissertação de mestrado em Arqueologia, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

COVANEIRO, Jaqueline; CAVACO, Sandra (2016) – “Entre tachos e panelas: a evolução das formas de cozinha (Tavira)”. *Actas do Congresso Internacional A Cerâmica no Mediterrâneo*. Câmara Municipal de Silves / Campo Arqueológico de Mértola. pp. 377-386.

DEAGAN, Kathleen (1987) – *Artifacts of the spanish colonies of Florida and The Caribbean, 1500-1800. Volume I: Ceramics, glassware and beads*. Washington D.C / Londres. Smithsonian Institution Press.

GONZALEZ, Cristina (2012) – “Majólicas italianas do Terreiro do Trigo (Lisboa)”. *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa, Centro de História de Além Mar. vol. II. pp. 847-854.

MARQUES, António, LEITÃO, Eva, BOTELHO, Paulo (2012) – “Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa-Mouraria / Intendente)”. *Velhos e novos Mundos. Estudos de arqueologia moderna*. Lisboa, Centro de História de Além Mar. vol. I. pp. 123-134.

MORGADO, Paulo Jorge, SILVA, Ricardo Costeira da, FILIPE, Sónia Jesus (2012) – “A cerâmica do açúcar de Aveiro. Recentes achados na área do antigo Bairro das Olarias”. *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa, Centro de História de Além Mar. vol. II. pp. 771-782.

SANTOS, Patrícia Augusto (2008) – “Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11, Vol. II: pp. 325-345.

SILVA, Filipa Galito da (2012) – “As formas de pão-de-açúcar da Mata da Machada, Barreiro”. *Velhos e novos mundos. Estudos de arqueologia moderna*. Lisboa, Centro de História de Além Mar. vol. II. pp. 711-718.

SILVA, Manuela Santos (1994) – *Estruturas urbanas e administração concelhia: Óbidos medieval*. Cascais. Patrimonia.

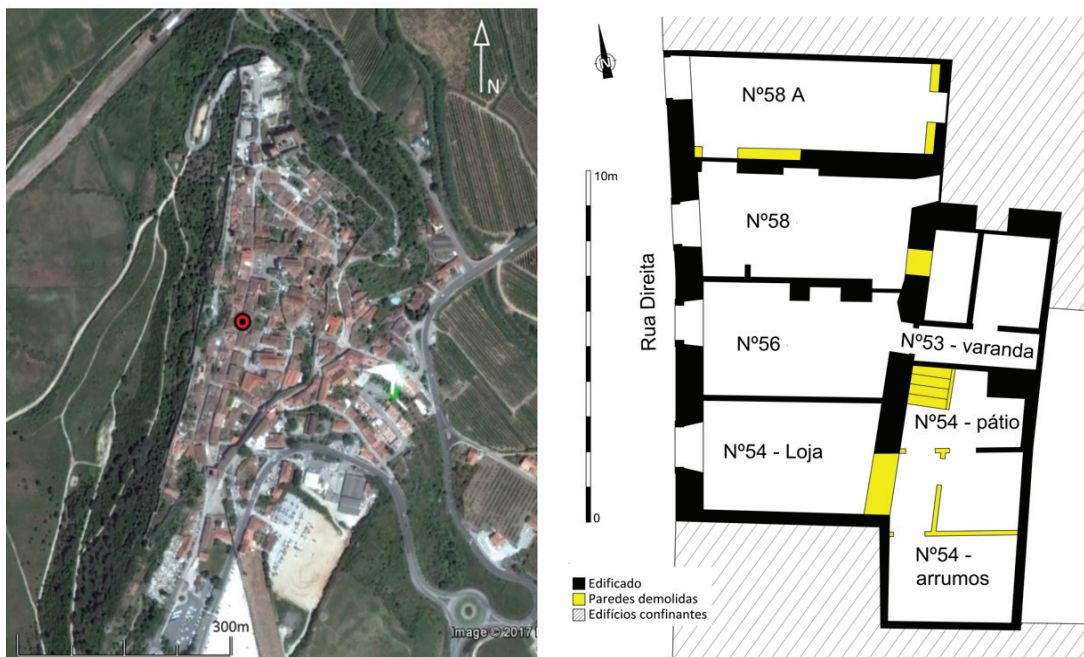


Figura 1 – Localização do imóvel intervencionado na fotografia aérea da vila de Óbidos (fonte: Google Earth) e planta esquemática do mesmo.



Figura 2 – Corte Norte da loja nº 54. Visíveis abaixo do piso atual os depósitos de aterro [08], [09] e [10]. Ao fundo, à direita, o alicerce da parede Este.

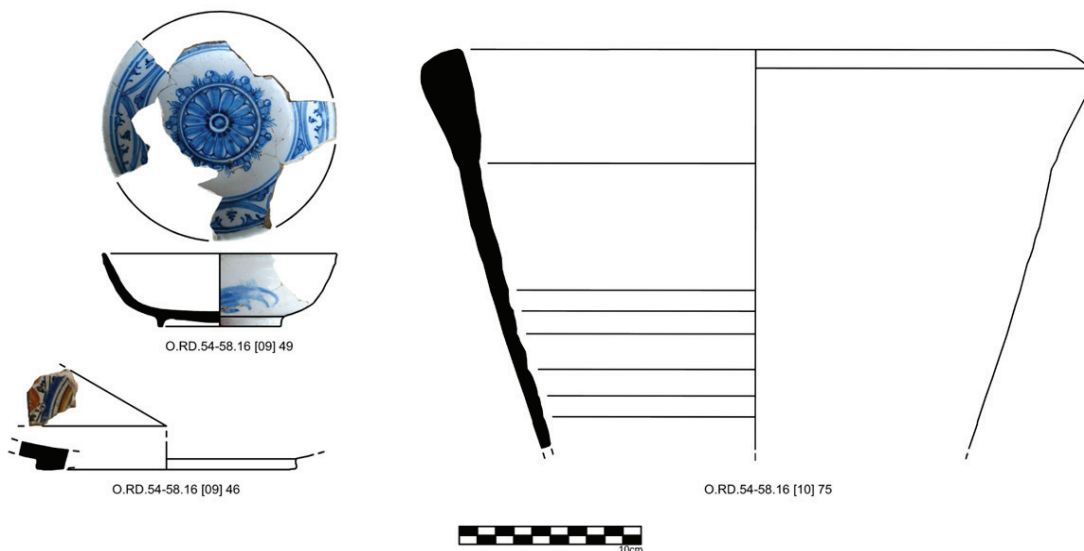


Figura 3 – Exemplos de materiais exumados dos depósitos [09] e [10].



Figura 4 – Vista do plano final e do alçado Sul da sondagem 1.

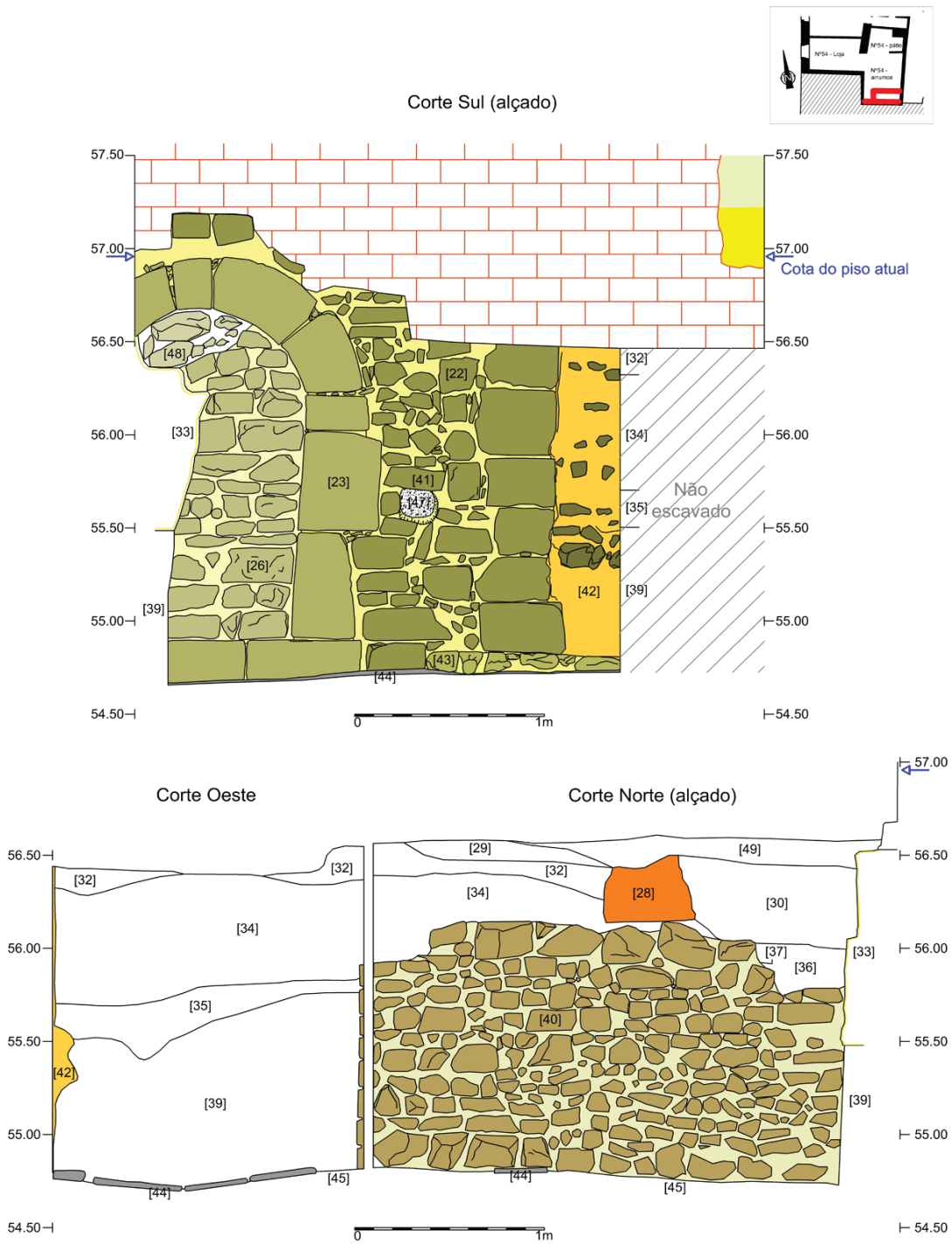


Figura 5 – Registro gráfico dos cortes Sul, Oeste e Norte da sondagem 1.

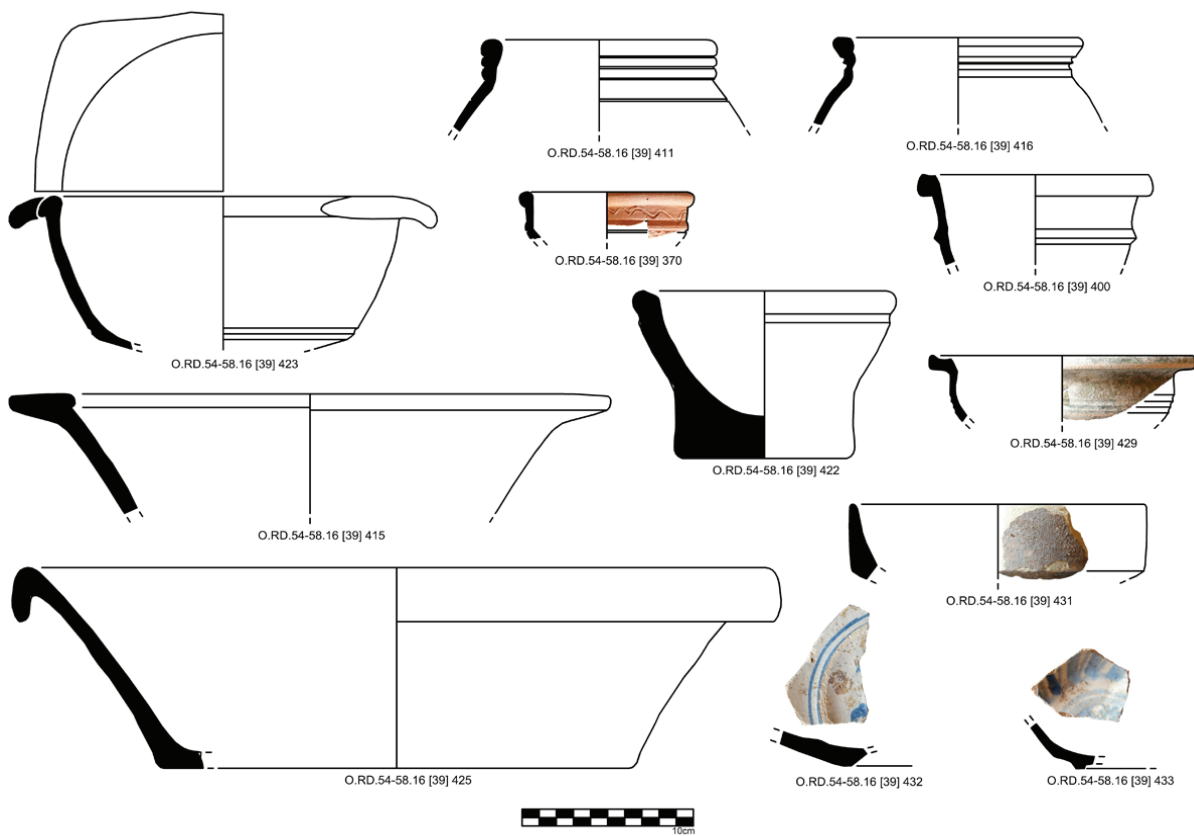


Figura 6 – Exemplo de materiais exumados do depósito [39].

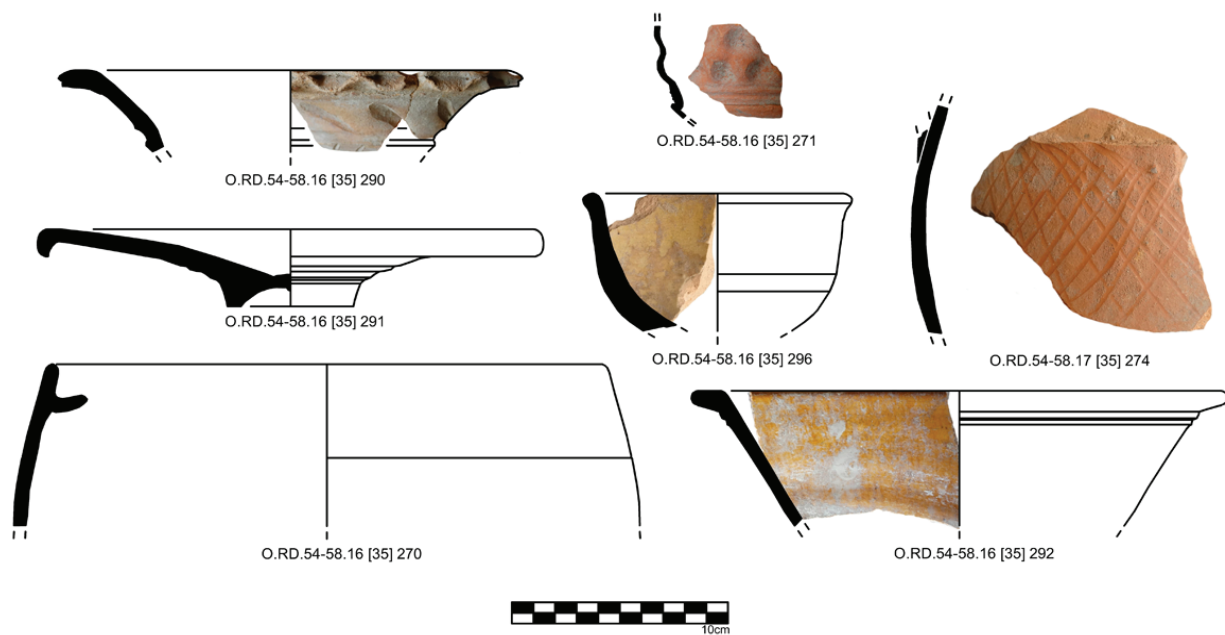


Figura 7 – Exemplo de materiais exumados do depósito [35].

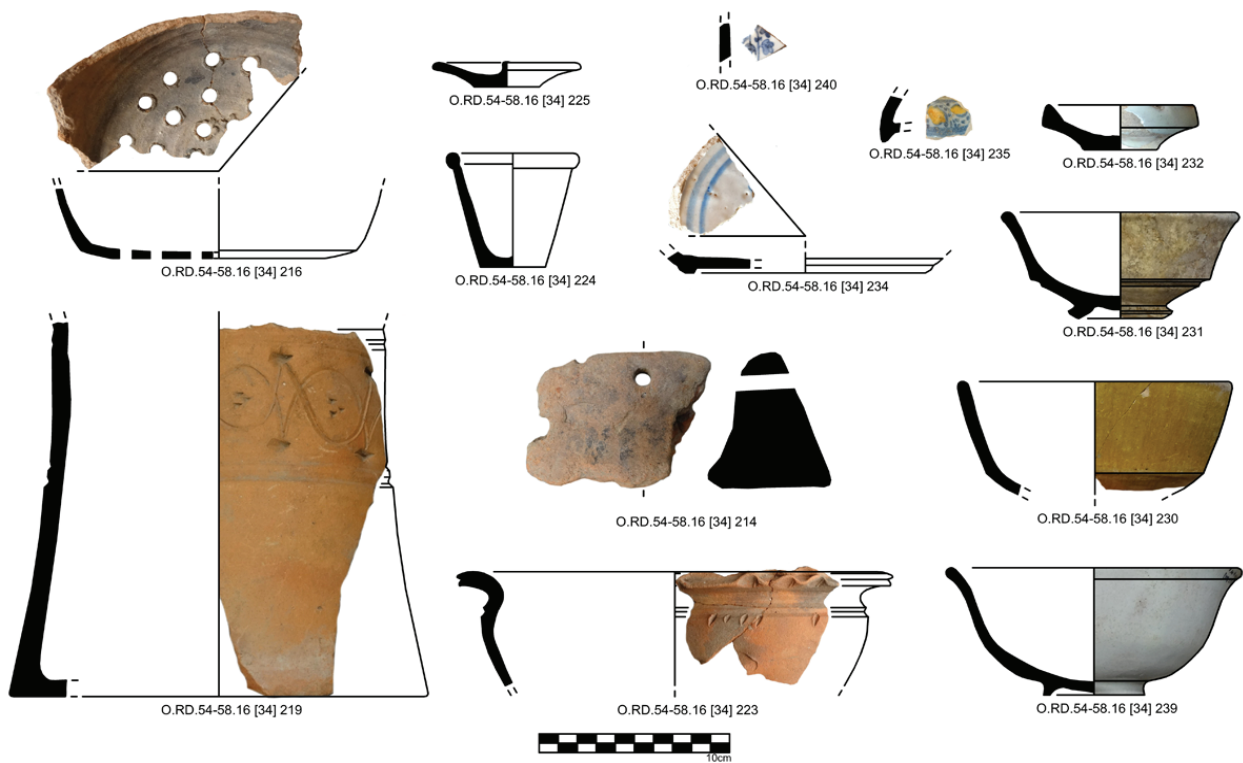


Figura 8 – Exemplo de materiais exumados do depósito [34].

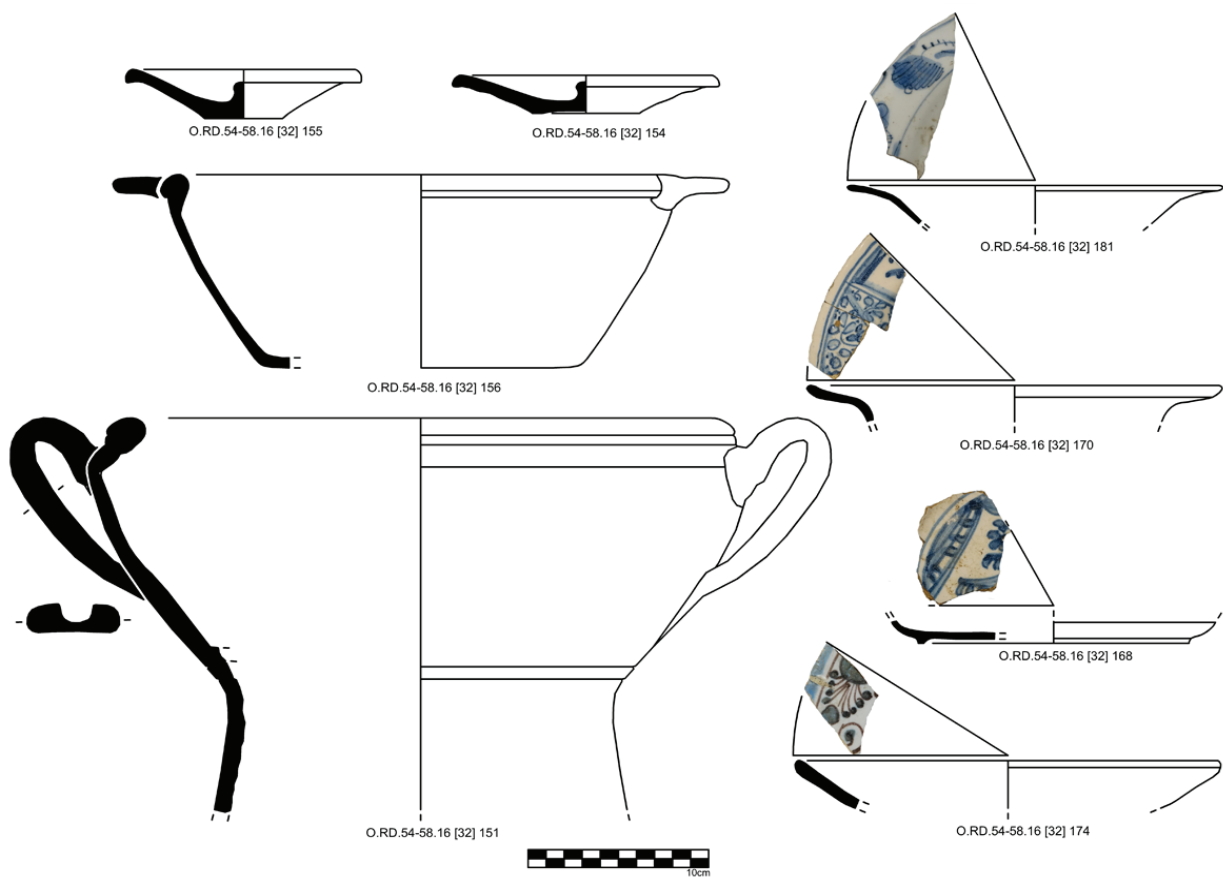
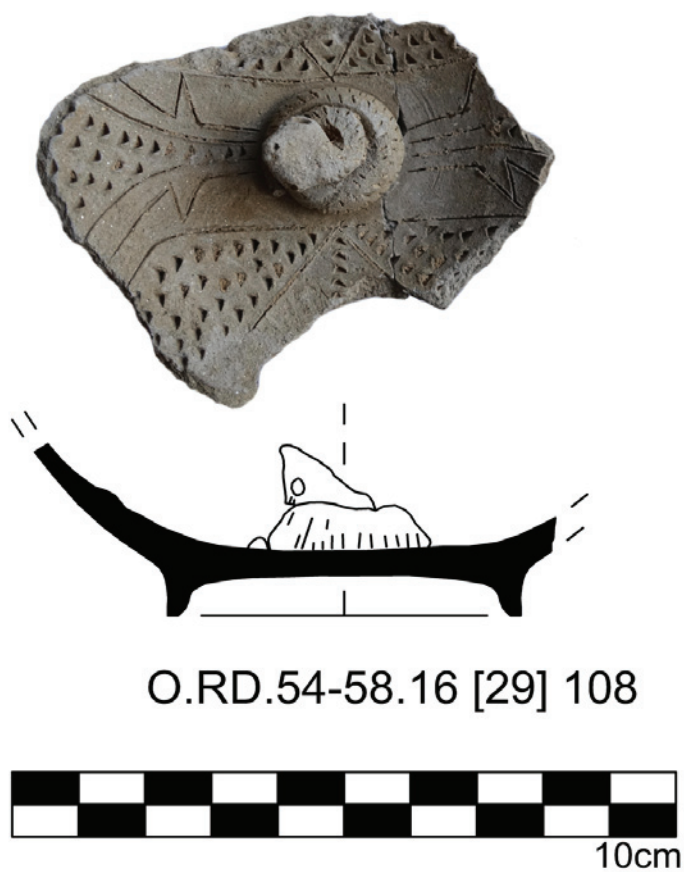


Figura 9 – Exemplo de materiais exumados do depósito [32].



O.RD.54-58.16 [29] 108

Figura 10 – Peça cerâmica exumada do depósito [29].



Patrocinador oficial